

Um novo programa de Matemática para o Ensino Básico

Os nossos alunos merecem!

Ana Paula Canavarro, Cristina Tudella, Manuela Pires

Em Dezembro de 2007 ficou disponível a versão definitiva do Programa de Matemática do Ensino Básico, depois de um período de divulgação e auscultação de opiniões. Foi o culminar de um processo de revisão, há muito aguardada, dos programas de Matemática do ensino básico, datados do início dos anos noventa. A experimentação deste programa inicia-se em 2008/09 e em 2009/10 assiste-se à sua generalização em agrupamentos por todo o país.

A *Educação e Matemática* dedica o número temático de 2009 a este importante acontecimento da educação matemática em Portugal. Para tal, entre outros contributos, reuniu diversos olhares sobre distintas dimensões do programa: o olhar institucional dos autores e da DGIDC, que se responsabilizou pela criação de condições para a implementação do programa; o olhar documentado de especialistas sobre os temas do programa e sobre os desafios que coloca a sua gestão, incluindo uma visão internacional; o olhar fundamentado dos professores experimentadores e dos seus alunos, que já ensinam e aprendem com este programa. No conjunto, este número reflecte sobre o programa oficial prescrito, o programa em acção e o programa aprendido. Da sua leitura sobressaem algumas ideias que vale a pena sublinhar.

Um primeiro destaque vai para o próprio programa. O Programa de Matemática do Ensino Básico não constitui apenas um reajustamento do programa antigo. São vários os que o vêem como um novo programa e isso mesmo traduz a sigla NPMEB que tem sido adoptada. E o carácter de novo justifica-se por vários argumentos. É novo nos temas — muitos tópicos estavam já contemplados nos programas antigos mas muitos outros não estavam ou, estando, são agora abordados sob diferentes perspectivas. É novo no estatuto que confere às capacidades transversais — a resolução de problemas, o raciocínio matemático e a comunicação já eram referidas nos programas antigos, mas agora surgem valorizadas assumindo-se também como conteúdos. É novo no apelo que faz à experiência matemática dos alunos — nos programas antigos já se pressupunha um papel activo dos alunos mas agora as sugestões metodológicas defendem de forma persistente a aquisição dos conhecimentos com compreensão e decorrentes das síntese do trabalho dos alunos. Um outro aspecto se destaca: este programa está em sintonia com o essencial das actuais orientações curriculares internacionais do ensino da Matemática, ancorado em ideias importantes que a investigação em educação matemática tem evidenciado. Estamos, pois, perante um programa novo, actual e pertinente.

Um segundo destaque vai para as aprendizagens matemáticas dos alunos. A experimentação do novo programa tem vindo a revelar que os alunos portugueses são capazes de corresponder a desafios quando estes lhes são colocados. Este programa faz apelo a aprendizagens muito mais sofisticadas e complexas que ultrapassam as baixas expectativas que muitos professores ainda têm sobre o que os seus alunos conseguem aprender. Por exemplo, no 1.º ciclo, os alunos estão a calcular antes de conhecerem os algoritmos, raciocinam algebricamente e produzem generalizações, resolvem problemas recorrendo a representações poderosas, explicam como pensam e discutem uns com os outros. Em cada um dos ciclos, os alunos estão a desenvolver o sentido do número, o pensamento algébrico, o sentido espacial, a literacia estatística; estão a resolver problemas e a raciocinar matematicamente, a comunicar e argumentar as suas ideias. Recorde-se que no PISA 2003, o desempenho dos alunos portugueses foi muito precário sempre que as questões exigiam um nível de reflexão mais elevado, processos de resolução não directos ou envolviam conceitos mais abstractos. Este programa aposta, pois, na melhoria da qualidade das aprendizagens matemáticas dos alunos.

Um terceiro destaque vai para a gestão curricular. Qualquer programa é «apenas» um documento a ser interpretado e posto em prática pelos professores. E também neste domínio este programa desafia as práticas tradicionais de preparação lectiva individualizada e apoiada pelo manual escolar. Quem já trabalha com o novo programa sublinha a importância do trabalho colaborativo para a definição da sequência de ensino a adoptar, para a construção/adaptação de cadeias de tarefas adequadas, para lidar com a articulação vertical, para reflectir e regular aquilo que agora se taceia. Sublinha também a importância de uma preparação de aula cuja dinâmica se baseia no desenvolvimento de experiência matemática pelos alunos, tão distinta da lógica do dar matéria e treinar com exercícios de certo e errado. É um trabalho mais exigente para os professores, mas que foi apoiado por um investimento continuado em formação e pela criação de condições mais favoráveis nas escolas para o ensino da Matemática, que em muitos agrupamentos estão a ser bem rentabilizadas. Que possamos todos entusiasmar-nos e contagiarmo-nos com a energia necessária para aproveitar esta oportunidade. Os nossos alunos merecem!

Ana Paula Canavarro, Universidade de Évora
Cristina Tudella, ES Frei Gonçalo de Azevedo
Manuela Pires, ES Calazans Duarte